

MR

1- Quais considera ser os desafios futuros do jornalismo de ciência?

Penso que basicamente temos três desafios pela frente: como conseguir espaço nos media para notícias de ciência, como informar de forma “informada” e ao mesmo tempo conseguir fazer artigos “sexies” e por fim a formação na área.

Não é trivial conseguir páginas para ciência no alinhamento de um jornal, sobretudo porque as edições estão cada vez mais curtas. O i apostou nisso desde o início mas o primeiro grande exemplo nesse aspecto foi o “Público.” Isto resulta essencialmente de não haver muitos editores ou jornalistas sensíveis ao tema. Tirando notícias e algumas efemérides, uma cobertura mais reflectida sobre acontecimentos e descobertas da ciência acaba por depender da carolice e insistência de algumas pessoas nas redacções. Acho que o desafio passa por manter um certo equilíbrio nas redacções, mesmo em tempo de vacas magras, mantendo estas pessoas e não reduzindo a redacção e o espaço à política/economia.

Há depois o desafio de fazer artigos que informem para lá de dizer banalidades como “descoberto gene do cancro” e ao mesmo tempo torná-los apetecíveis. Na TV e rádio nem sempre isto é possível, mas na imprensa escrita e digital temos de conseguir descodificar a informação e ao mesmo tempo arranjar pontos de contacto com o leitor, sejam histórias curiosas do cientista, perspectivas mais pessoais. Isto nem sempre é fácil, depende da personalidade do investigador e do tempo que se tem. Se reparares, ainda há muita notícia de ciência que acaba por ser copy paste dos comunicados das universidades, isto mostra o valor noticioso e de reflexão que a maioria dá a ciência: zero. Nenhum meio de referência faz uma peça sobre uma iniciativa do governo ou um relatório económico só citando o comunicado institucional.

Ir ao fundo das descobertas, perceber a lógica do que está em causa, é verdadeiramente fascinante e isso é que precisa de ser transmitido às pessoas como informação/cultura e não meros soundbites ou pontas de icebergue. Sem a ajuda dos media, a maioria das pessoas sem formação nesta área acaba por nunca conseguir descodificar. Há uma grande falta de cultura científica e falo por mim. Deixei de ter ciência no 9º ano e tudo o que aprendi foi nestes cinco anos de trabalho.

Não sou muito apologista de que precisamos de ter pós-graduações em jornalismo de ciência: nesta, como em qualquer outra área, somos jornalistas: o nosso papel é sacar histórias de fontes, de interlocutores. Mas é preciso mais formação, sejam workshops ou cursos. O grande problema, na minha opinião, tem sido o facto de estas formações te quererem ensinar a “comunicar” ciência, quando “comunicar” é a tua profissão, não vem nos livros. Aprendeste bases no curso e no teu trabalho, consoante o meio em que estás, vais personalizando o teu registo em função do registo do jornal. Importavam formações temáticas, sobre genética, sobre astronomia, sobre doenças raras, etc.

Bom, não sabemos muito bem como vai ser o futuro, mas posso enumerar algumas:

- Manter o empenho nestes temas mais secundários da agenda – sem esse empenho, a ciência não terá espaço.

- Os jornalistas jovens têm de ser cada vez mais multiresponsabilidades – pode ser complicado ires fazendo formação, mesmo que autodidacta, em áreas complicadas com a ciência. Eu escrevo sobre ciência mas também tenho a pasta da saúde, além de estar em sociedade: o que implica que posso ter de escrever sobre educação ou justiça caso os colegas não estejam. Temos de insistir e trabalhar cada vez mais para sermos competentes e não abdicarmos de trabalho com qualidade.

- Conquistar os investigadores. Nota-se uma grande diferença entre a abertura dos cientistas estrangeiros e a dos nossos investigadores, que demoram às vezes séculos a responder e não conseguem falar-te num registo mais informal. É preciso perceber a diferença entre ser sensacionalista e produzir sensações: não têm de inventar resultados, têm é de contá-los com o entusiasmo com que contam ao amigo, ao colega e que os faz trabalhar na área. Mas isto é como a relação com todas as fontes: a confiança conquista-se com trabalho.

3- Considera ser possível adaptar o jornalismo narrativo ao jornalismo de ciência?

Sem dúvida. Vamos tendo alguns exemplos disso, mais reportageiros. Dependerá também de os cientistas conhecerem os jornalistas, terem facilidade em contarem-lhes as histórias nos bastidores do trabalho que leva à publicação numa revista internacional – que ainda é o ângulo mais comum para um artigo de ciência. Acho que esse trabalho cabe às pessoas que fazem a comunicação nas universidades e centros de investigação. Ainda são raras as abordagens em que depois do comunicado institucional te ligam para dar a dica de que aquela história tem mais do que a descrição aborrecida de um protocolo ou de um artigo na “Nature.” Esse trabalho deve passar pelo jornalista, mas se todos cooperarmos é mais produtivo. Basicamente, o jornalismo narrativo pode ser adaptado a tudo, desde que consigamos chegar à matéria-prima